



OFICINAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Rafael Baioni do Nascimento¹

Resumo

Esse artigo relata o trabalho com oficinas sobre gênero e sexualidade realizadas pelo (In)Serto – Núcleo pela diversidade sexual e de gênero da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, um projeto de extensão universitária ligado ao Departamento de Educação e à Pró-Reitoria de Extensão da referida universidade. Conta-se brevemente a história do projeto, como são as oficinas, seus objetivos, os materiais e métodos utilizados. Apresentamos e analisamos a *Cartilha Inserta*, principal material utilizado nas oficinas e tecemos considerações tanto teóricas quanto práticas, a partir da experiência de trabalho. Ressalta-se a relevância e a urgência de trabalhos como esse em uma região bastante carente no combate à vulnerabilidade da população LGBTIQ+, como é o norte do estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: Gênero; sexualidade; extensão universitária; oficina; preconceito.

Abstract

This article reports the work with workshops on gender and sexuality carried out by (In)Serto – Center for the Sexual and Gender Diversity of the State University of Montes Claros (Unimontes), a university extension project linked to the Department of Education and the Dean of Extension of said university. The history of the project is briefly described, as are the workshops, their objectives, the materials and methods used. We present and analyze the *Cartilha Inserta*, the main material used in the workshops, and we make both theoretical and practical considerations based on work experience. The relevance and urgency of such work in a region that is very lacking in the fight against the vulnerability of the LGBTIQ+ population, as the north of the state of Minas Gerais, is highlighted.

Keywords: Gender ; sexuality; university extension ; workshops; prejudice.

¹ Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Professor efetivo da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

INTRODUÇÃO

Breve histórico do projeto de extensão (In)Serto

No presente trabalho relato minha parte de minha experiência como coordenador de um projeto de extensão universitária, o *(In)Serto – Núcleo pela diversidade sexual e de gênero*, na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, cujo *Campus* sede fica na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. O foco aqui são as oficinas sobre gênero e sexualidade, uma das principais ações do projeto. Conto um pouco sobre o objetivo das oficinas, o método utilizado, o conteúdo abordado, a dinâmica observada e faço algumas reflexões.

O *(In)Serto – Núcleo pela diversidade sexual e de gênero* passou a existir oficialmente no dia 19 de julho de 2017, com a publicação da Resolução no. 117/2017 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX, da Unimontes. Entretanto, desde o início de 2017 seus futuros membros já se reuniam e desenvolviam atividades, entre as quais destacamos a I Amostra Inserto, que aconteceu nos dias 25 e 26 de maio de 2017, no *Campus* sede da Unimontes e no Museu Regional do Norte de Minas; evento científico e político que representou na cidade uma retomada das discussões acadêmicas a respeito de gênero e sexualidade, com foco nas representações e nos problemas vividos pela população LGBTIQ+. Antes do *(In)Serto*, em âmbito universitário, o outro projeto de grande relevância havia sido o Nehom (Núcleo de estudos sobre homocultura), também vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Unimontes, que funcionou entre os anos de 2008 e 2012, idealizado e executado em grande parte pelo servidor Ronilson Brito, figura que já trouxera esse debate à universidade desde pelo menos 2002, ano da morte do bailarino Igor Xavier, assassinado por homofobia e que se tornou símbolo pela luta contra a homofobia na região.

Apesar da importância história do Nehom para os estudos e a militância pela diversidade na cidade, o *(In)Serto* marca uma diferença crucial em relação a ele: a mudança de inflexão de uma luta identitária para uma luta pós-identitária. Enquanto o Nehom se centrava na valorização da homocultura e no combate à homofobia, o *(In)Serto* centra-se no questionamento de qualquer essencialização, naturalização e normatização das identidades, sejam elas quais forem, e o combate dá-se majoritariamente contra a heteronormatividade.

Podemos definir a homofobia como toda manifestação de preconceito, discriminação e violência contra pessoas homossexuais ou identificadas como homossexuais. Por outro lado, a heteronormatividade é um sistema social normativo implícito, que prescreve o modelo cisgênero e heterossexual como os únicos modos de comportamento, de afeto, de representação e de conhecimento aceitáveis. Nós, do (In)Serto, não desmerecemos de forma alguma a luta contra a homofobia, mas acreditamos que a homofobia é uma das manifestações da heteronormatividade, e que lutar contra a heteronormatividade também é lutar contra a homofobia, enquanto o foco apenas na homofobia deixa intacta, ou sem grande problematização, outras opressões e violências decorrentes da heteronormatividade.

Nos estudos sobre gênero e sexualidade essa diferença é uma das que marcam duas grandes tendências: de um lado, a identitária ou LGBT, que vai se centrar na busca de reconhecimento de identidades marginalizadas e na conquista de direitos; e, de outro lado, a pós identitária ou *queer*, mais radical talvez e com surgimento mais recente, que busca o questionamento da lógica identitária.

Sobre essa diferença podemos citar o comentário que faz Guacira Lopes Louro:

Por certo o combate à homofobia permanece como uma meta importante a ser levada a efeito[...] Mas, na ótica *queer*, a meta deveria de ir mais longe. O combate à homofobia talvez possa significar apenas uma ampliação do sentido de “normalidade”, estendendo-o de forma a incluir os sujeitos homossexuais ou bissexuais; para os teóricos e teóricas *queer*, o que parece necessário é exatamente desconstruir o processo pelo qual alguns indivíduos se tornam normalizados e outros, marginalizados. (LOURO, 2004, p. 211)

A escolha do nome do grupo, (In)Serto, é assim explicada, pois remete à incerteza e ao questionamento das certezas identitárias, ao mesmo tempo que a grafia incorreta (com s e não com c) aponta poeticamente contra a normatização e a marginalização dos “errados”, das identidades desviantes do modelo heterossexual e cisgênero. A respeito do nome do grupo, a propósito, há também a referência ao sertão, presente em “Serto”, pois um dos principais objetivos do grupo é questionar a vinculação do sertão e das identidades sertanejas ao machismo, à homofobia, à heteronormatividade, ao conservadorismo moral e religioso. Ainda que até hoje o sertão tenha sido um território de exercício dessas violências, não há nada de

necessário nisso. O sertão pode ser também um lugar de exercício da diferença e do respeito à diferença. O sertão também pode ser transviado.

DESENVOLVIMENTO

As oficinas sobre gênero e sexualidade

Logo após as primeiras reuniões do grupo que viria a formar o (In)Serto resolvi montar uma cartilha sobre gênero e sexualidade e levei ela para as reuniões do grupo com dois objetivos principais: o primeiro foi o de formar os integrantes do grupo, já que nem todos tinham um percurso sobre as discussões de gênero e sexualidade; e depois, foi o de aprimorar o instrumento, tendo em vista futuras aplicações em outros grupos (estudantes e professores de modo geral, funcionários da universidade, população geral). Trabalho esse que foi bastante produtivo. Mesmo depois de um longo percurso nessas discussões, sempre há elementos que nos escapam. No momento da escrita reproduzi, sem intenção, algumas essencializações, naturalizações e normatizações que não escaparam ao olhar de outros membros do grupo, o que enriqueceu o debate e aprimorou o instrumento. Em sua versão atual a cartilha ainda é controversa, e acredito que essa controvérsia revela as tensões da própria realidade e não um erro metodológico. Explico melhor adiante.

Material e método

A cartilha, chamado de *Cartilha Inserta*, é composta de 4 partes. Na primeira, explicamos quem somos e quais os objetivos da cartilha, na segunda apresentamos alguns conceitos básicos sobre gênero e sexualidade, na terceira discutimos terminologias, usos e situações e na quarta apresentamos dois relatos de histórias reais em que a heteronormatividade causou sofrimento e justificou violência e opressão.

Tanto os conceitos básicos quanto a sessão terminologias, usos e situações são feitos na forma de verbetes, que são lidos e discutidos com os participantes das

oficinas. Logo após fazemos a leitura dos dois relatos e também discutimos com os participantes as situações de opressão descritas neles.

A duração esperada da oficina é de 4 horas, porém com facilidade pode ser estendida. Em algumas das experiências, a discussão suscitada foi tão rica e intensa que boa parte da cartilha ficou de fora, por falta de tempo. Interpretamos isso não como um problema, mas como um sucesso da oficina. Isso porque, antes de informar sobre este ou aquele conteúdo específico, *o objetivo maior da oficina é suscitar a reflexão.*

Na seção “conceitos básicos” constam os seguintes verbetes: sexo, gênero, orientação sexual, transgênero, cisgênero, binário e não binário, travesti, transexual, *crossdresser*, *dragqueen* e *dragking*, *queer*, LGBT, homofobia, transfobia, heteronormatividade, minoria, armário, preconceito positivo, apagamento bi.

Na seção “terminologias, usos e situações” os verbetes são: nome social, uso de pronomes e artigos, “opção sexual”, piadas e humor, elogios, AIDS e outras DSTs, HSH (homens que fazem sexo com homens).

Na seção dos relatos a primeira história é a de Maria Patiño e as olimpíadas de 1988, retirado de Fausto-Sterling (2001/2) e o segundo é a história da travesti Lara, retirado de Peres (2009).

Não caberia no formato deste artigo colocar toda a cartilha em anexo, por isso, recortei alguns trechos e em seguida os analiso e discuto, recorrendo para isso a autores da área de gênero e sexualidade e tecendo considerações a partir da experiência de trabalho nas oficinas.

Análise e discussão

Começamos com os três principais verbetes da seção conceitos básicos, os verbetes “sexo”, “gênero” e “orientação sexual”.

Sexo: em geral entende-se por sexo a diferença biológica entre macho e fêmea, com base na diferença anatômica dos órgãos genitais, dos caracteres sexuais secundários (distribuição dos pelos, massa muscular e gordura pelo corpo, voz, menstruação etc.) ou da diferença cromossômica (XX e XY). Entretanto, o binarismo dessa classificação vem sendo questionado por estudiosos como Anne Fausto-Sterling. Segundo ela, a divisão macho/fêmea ignora a variedade existente de pessoas intersexo

(antigamente chamados de hermafroditas). Essas pessoas muitas vezes são submetidas compulsoriamente (enquanto bebês ou ainda crianças) a cirurgias, tratamentos hormonais e outros procedimentos para adequação anatômica e fisiológica ao sexo masculino ou feminino. Porém há relatos de pessoas intersexo adultas que estavam felizes com sua condição e se recusaram a se submeter a esses procedimentos. (texto extraído da Cartilha Inserta, não publicada)

Como se pode perceber a cartilha difere um pouco de cartilhas semelhantes, introdutórias à discussão de gênero e sexualidade. A linguagem é mais acadêmica e de compreensão menos intuitiva que outras do gênero. Há uma citação indireta de uma estudiosa da área, Ann Fausto-Sterling, o que também não é comum. Essa escolha se deu em função do papel da cartilha e do objetivo da oficina. O papel da cartilha é servir de base e gatilho para o debate durante a oficina, e não para ser distribuída e lida sem mediação, como outras cartilhas do gênero. Isso faz com que possamos usar uma linguagem mais difícil e apresentar controvérsias no debate tema, já que contamos com o trabalho de mediação para minimizar o risco de incompreensão. Quanto ao objetivo da cartilha, lembremos que é suscitar a reflexão, mais do que simplesmente informar. Acreditamos que verbetes muito simples e diretos podem incorrer em reforçar o problema que buscamos combater, que é a essencialização e a normatização.

Gênero: em geral entende-se por gênero a diferença cultural entre homem e mulher. Refere-se aos diferentes comportamentos, atitudes e sentimentos atribuídos aos papéis masculinos e femininos em um determinado contexto social, aprendidos por uma pessoa no decorrer da vida e desempenhados de forma mais ou menos “bem-sucedida”. “Ninguém nasce mulher. Tornar-se” é a famosa frase de Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, um marco no pensamento feminista e no combate ao determinismo biológico - o discurso que toma a biologia como “destino”, muitas vezes utilizado para justificar a manutenção da desigualdade entre homens e mulheres. (texto extraído da Cartilha Inserta, não publicada)

Novamente, pode-se perceber o recurso a uma autora, Simone de Beauvoir, desta vez com citação direta, e a presença de conceitos pouco intuitivos para o público em geral como “determinismo biológico” e “discurso”, o que exige, como já foi dito, a mediação durante a oficina para melhor compreensão.

Orientação sexual: refere-se ao desejo, a quem se direciona o desejo sexual e/ou afetivo. Quanto à orientação sexual as pessoas são geralmente classificadas como heterossexuais (atraem-se por pessoas do sexo oposto), homossexuais (atraem-se por pessoas do mesmo sexo), bissexuais

(atraem-se por pessoas de ambos os sexos) e assexuais (não se atraem sexualmente por pessoas de nenhum sexo, ainda que possam manter relações afetivas). Porém, mesmo dentro dessas categorias há grande variabilidade. Alfred Kinsey, pesquisador americano que é considerado por muitos o pai da sexologia, em um estudo clássico propôs a seguinte divisão (também conhecida como escala Kinsey): heterossexual exclusivo; heterossexual ocasionalmente homossexual; heterossexual mais do que ocasionalmente homossexual; igualmente heterossexual e homossexual, também chamado de bissexual; homossexual mais do que ocasionalmente heterossexual; homossexual ocasionalmente heterossexual; homossexual exclusivo; indiferente sexualmente (assexual). Há ainda uma outra categoria relevante quanto à orientação sexual, não abordada por Kinsey: as pessoas pansexuais. Elas podem se atrair por pessoas de qualquer sexo ou gênero, em qualquer de suas múltiplas manifestações, incluindo pessoas intersexo, transgêneros não-binários, travestis, andrógenos ou qualquer outra. (texto extraído da Cartilha Inserta, não publicada)

Mais uma vez, há recurso a um estudioso, Alfred Kinsey. Entretanto, aqui sua inclusão segue outra lógica e outros objetivos que nos dois verbetes anteriores, quando recorremos a Anne Fausto-Sterling e a Simone de Beauvoir.

Fausto-Sterling é uma autora contemporânea nossa, afinada com a teoria *queer* e os estudos de gênero pós-identitários. Beauvoir e Kinsey são contemporâneos entre si, mas ambos com suas principais obras no final da década de 1940. *Comportamento Sexual no Homem Humano*, de Kinsey, é de 1948, e *O Segundo Sexo de Beauvoir*, de 1949. Apesar da proximidade temporal, Beauvoir e Kinsey representam tendências bastante diversas. Enquanto em Beauvoir o que está em jogo é destacar o gênero como uma manifestação da cultura não determinada pela natureza, em consonância com as tendências filosóficas da França de meados do século XX (como o marxismo ocidental, a fenomenologia e o existencialismo) e que viria a tornar possível o pensamento de um autor como Michel Foucault, nas décadas seguintes. Em Kinsey encontramos uma adesão ao discurso positivista, muito difundido no pensamento estadunidense na época. O problema que podemos apontar no trabalho de Kinsey decorrente disso é que, ainda que haja intenção inegável de despatologização da homossexualidade – o que é louvável –, o método positivista colabora para a manutenção de um sistema normatizador e naturalizador. É como se Kinsey quisesse apresentar uma tabela onde poderia ser enquadrada toda a variação sexual humana – o que equivale a dizer que a sexualidade humana é “natural” e não variável de acordo com o contexto histórico. Além disso, ele normaliza a sexualidade a partir de categorias bastante limitadas, como pontos dentro de um espectro entre dois extremos (a heterossexualidade exclusiva e a

homossexualidade exclusiva), o que faz parecer que a sexualidade pode ser entendida a partir de um critério quantitativo (quanto de homossexualidade e quanto de heterossexualidade) e não com enormes variações qualitativas. Por exemplo, duas pessoas enquadradas como homossexuais exclusivas podem viver sua sexualidade de modo extremamente diverso, em uma análise mais detida.

Então por que citar Kinsey e sua escala? Por dois motivos. O primeiro é a importância histórica do trabalho de Kinsey na retirada da homossexualidade e das variações sexuais do campo do pecado e da patologia. O segundo motivo é colaborar com uma estratégia usada por nós nas oficinas: desconstruir as classificações essencializantes e naturalizantes através de sua hipersaturação. Isto é, oferecemos, no decorrer da oficina tantas classificações de gênero e sexualidade que os participantes são levados a questionar por si mesmos a validade e a necessidade dessas classificações ou, ao menos, refletir sobre as limitações dessas classificações. Nesse sentido, a própria inclusão da categoria “pansexuais” ao final do verbete, introduz já um pouco de caos nessa ordem fabricada da escala Kinsey.

Depois disso seguem os seguintes verbetes: transgênero, cisgênero, binário e não binário, travesti, transexual, *crossdresser*, *dragqueen* e *drag king*. Como se pode ver, cada um deles tratando de uma classificação específica, ou um elemento classificatório (no caso de “binário e não binário”). Não vamos analisar cada um deles em detalhe. Basta saber que são verbetes mais curtos e diretos que os três primeiros e não trazem citações. Veja, como exemplo, o verbe “*crossdresser*”:

Crossdresser: pessoa que veste roupas ou utiliza objetos geralmente atribuídos ao gênero binário oposto ao atribuído a ela ao nascimento. Não necessariamente inclui uma identificação com o outro gênero ou desejo de reconhecimento enquanto pertencente a outro ou mesmo a um terceiro gênero. (texto extraído da Cartilha Inserta, não publicada)

Esse é o momento de saturação máxima, em que a multiplicação das categorias geralmente leva ao questionamento delas. No começo da oficina os participantes, comumente, ainda tentam se apropriar das classificações, tirando pequenas dúvidas, alguns tomando notas. Entretanto, para alguém se aproximando pela primeira vez dessa discussão, mesmo quando é uma pessoa LGBTIQ+, a multiplicação das classificações costuma ser mais do que as pessoas conseguem assimilar em tão pouco tempo.

Com isso, não temos como objetivo dizer que todas as classificações são inúteis e não representam diferenças reais. Pelo contrário, as classificações são importantíssimas para que reconheçamos e respeitemos as diferenças. Porém, quanto mais a fundo adentramos nas classificações, mais também encontramos semelhanças nas diferenças e diferenças nas semelhanças, o que leva ao questionamento das classificações, mas em outro nível de reflexão. Não é a simples abolição da classificação, ou a volta ao momento em que não se reconhecia a diferença, mas a superação do estatuto de verdade (naturalização, essencialização) que muitas vezes as classificações ganham, para o prejuízo das experiências realmente vividas, que não se reduzem a elas. Como escrevem Horkheimer e Adorno: “A classificação é a condição do conhecimento, não o próprio conhecimento, e o conhecimento por sua vez destrói a classificação” (Adorno; Horkheimer, 1985, pp. 204-205).

Após isso, ainda na seção “conceitos básicos”, seguem os verbetes “*queer*” e “LGBT”. Nesse momento, dependendo do andamento da oficina, pode-se explicar com maior ou menor profundidade a diferença entre teorias e políticas identitárias (LGBT) e pós-identitárias (*queer*).

Em seguida, os verbetes “homofobia”, “transfobia”, “heteronormatividade”, “minorias”, “armário”, “preconceito positivo” e “apagamento bi” são um aprofundamento das discussões muito provavelmente já suscitadas a essa altura da oficina. Como muitas dúvidas e questionamentos surgem à medida que vamos trabalhando cada verbe, é comum os participantes adiantarem, com suas perguntas ou comentários, alguns dos verbetes, ou então, em um debate, o caminho da conversa levar os oficinairos ao mesmo adiantamento. Só nos detemos nesses verbetes quando não foram já abordados anteriormente. Se foram, passamos para a seção seguinte.

A seção “terminologias, usos e situações” tem um caráter um pouco distinto da anterior. Enquanto na seção anterior o foco era mais teórico, com a apresentação de teorias, conceitos e classificações, nesta, os verbetes têm a intenção de instruir os participantes sobre modos de agir que não sejam preconceituosos como pessoas LGBTIQ+. O caráter prescritivo de alguns desses verbetes podem incomodar à primeira vista, ainda mais depois de pensarmos tanto sobre os problemas em torno da normatização das condutas. Porém, nesse caso há uma diferença crucial, tratam-

se de prescrições cujo objetivo é evitar condutas preconceituosas e desrespeitosas. Obviamente podem haver exceções àquilo ali prescrito, por isso alguns elementos condicionantes no texto, como “evite”, “em geral” ou “dica”.

Seguem quatro desses verbetes:

Uso de pronomes e artigos: em geral use o pronome ou o artigo no masculino para homens cis homossexuais e homens trans, e o pronome no feminino para mulheres cis homossexuais e mulheres trans. Para transgêneros não binários ou em caso de dúvida, pergunte gentilmente qual gênero de pronomes e artigos a pessoa prefere que você utilize ao conversar ou se referir a ele ou ela. Dica: procure não fazer essa pergunta como se fosse algo constrangedor, sussurrando ou chamando de lado. Pergunte de forma natural.

“opção sexual”: assim como ninguém opta por ser heterossexual, ninguém opta por nenhuma outra manifestação da sexualidade. A expressão “opção sexual” dá a falsa ideia de que os homossexuais, bissexuais, assexuais ou qualquer outra forma de sexualidade que não a heterossexual, escolheram contrariar a norma, o normal, e geralmente essa expressão serve a fins moralistas. A expressão correta é “orientação sexual”. A expressão “preferência sexual” também é problemática, evite.

Piadas e humor: evite qualquer piada, tirada espirituosa, brincadeira ou qualquer outra manifestação humorística envolvendo a sexualidade ou a identidade de gênero das pessoas. Essas piadas e outras manifestações estão historicamente carregadas de preconceito e são uma das formas mais comuns de violência simbólica.

Elogios: Evite fazer elogios que indiquem aproximação do padrão heteronormativo, cisgênero e binário. Por exemplo, evite elogiar uma travesti ou uma transexual dizendo que ela parece mulher “de verdade”. A transexual é uma mulher de verdade, e a travesti, muitas vezes, não quer ser mulher. Evite elogiar um gay dizendo que ele nem parece gay, ou elogiar uma lésbica por ela ser “muito feminina”. (texto extraído da Cartilha Inserta, não publicada)

Como essa oficina foi idealizada para atender a um público muito amplo: estudantes, professores, funcionários e população em geral algumas partes se adequam melhor a um ou outro público. Essa parte, mais prescritiva, foi pensada especialmente para professores e funcionários (da universidade ou de outras instituições, públicas ou privadas, de atendimento ao público, como escolas, hospitais, presídios etc.), como uma forma mais direta de tentar evitar violências simbólicas muito comuns.

Os dois verbetes seguintes, sobre DSTs/AIDS e HSH (homens que fazem sexo com homens), foram pensados em especial para profissionais da saúde, de modo a evitar violências comuns específicas a esses contextos, como a associação imediata de homossexualidade e transexualidade a DSTs, e a não compreensão de práticas sexuais não necessariamente vinculadas à identidade, como os homens

que fazem sexo com homens, mas não se identificam como homossexuais ou bissexuais.

Por fim, há seção de relatos, em que lemos com os participantes dois relatos, os quais transcreveremos a seguir do modo que aparecem na cartilha:

História 1

Maria Patiño e as Olimpíadas de 1988

Na correria e excitação da partida para as Olimpíadas de 1988, Maria Patiño, a principal das corredoras com barreira da Espanha, esqueceu o certificado médico declarando, em benefício dos funcionários da Olimpíada, o que parecia patentemente óbvio para quem quer que a olhasse: tratava-se de uma mulher. Mas o Comitê Olímpico Internacional (COI) tinha previsto a possibilidade de que algumas competidoras esquecessem seus certificados de feminilidade. Patiño apenas tinha que se apresentar ao “escritório central de controle da feminilidade”, raspar algumas células da bochecha, e tudo ficaria em ordem – ou ela assim pensou. Algumas horas depois da raspagem, recebeu um chamado. Alguma coisa não dera certo. Ela voltou para um segundo exame, mas os médicos ficaram em silêncio. Então, quando se dirigia ao estádio olímpico para começar sua primeira corrida, os funcionários de pista deram a notícia: ela tinha sido reprovada no teste de sexo. Ela podia parecer mulher, tinha a força de uma mulher e nunca tivera razão para suspeitar que não fosse mulher, mas o exame revelará que as células de Patiño continham um cromossomo Y e que seus lábios ocultavam testículos. Além disso, ela não tinha nem ovários nem útero. Segundo a definição do COI, Patiño não era uma mulher. Foi impedida de participar da equipe olímpica da Espanha. Os funcionários olímpicos espanhóis sugeriram a Patiño que fingisse um acidente e se retirasse sem dar publicidade a fatos tão embaraçosos. Diante de sua recusa, a imprensa europeia acabou descobrindo o acontecido e o segredo foi revelado. Poucos meses depois de sua volta à Espanha, a vida de Patiño se esboroou. Os funcionários espanhóis lhe retiraram os títulos conquistados e a impediram de voltar a competir. Seu namorado a abandonou. Foi despejada da moradia atlética nacional, sua bolsa de estudos foi revogada e, repentinamente, se viu diante da perspectiva de ter que lutar para sobreviver. A imprensa do país fez a festa às suas custas. Como ela disse mais tarde, “fui apagada do mapa, como se nunca tivesse existido. Dediquei doze anos aos esportes.” Texto retirado de Fausto-Sterling (2001/2)

História 2

Lara e a escola

Em uma outra situação, temos o depoimento de Lara, uma travesti de 38 anos, costureira e dançarina de boate, vivendo há doze anos com seu companheiro, que relembra e nos fala de sua relação com a escola:

[...] isso, eu devia ter uns oito anos de idade. Eu estava na segunda série e comecei a perceber que os outros meninos tinham comportamentos e falavam de coisas que eu não entendia muito bem. Sempre preferia ficar com as meninas durante o recreio e, muitas vezes, a diretora vinha falar que eu tinha que ficar do lado dos meninos. E eu não entendia o porquê de ela vir sempre me falar disso. Tinha um menino que sempre se aproximava de mim, era maior do que eu e mais velho também, porque ele já estava na quarta série. No recreio, ele vinha me chamar para ver figurinhas, mas sempre me puxava para o fundo da escola onde quase ninguém ia. Havia um servente que cuidava, mas sempre dava uma risadinha e fazia de conta

que nada estava acontecendo. Aí, uma vez, ele me levou lá no fundo e não tinha ninguém. Aí, ele foi pegando na minha mão e falando que eu tinha que pegar no pênis dele, e que se eu não pegasse ele ia contar para todo mundo que eu era mulherzinha. Eu não entendia o que ele falava porque eu era uma criança muito pura e fiquei meio paralisada. Aí ele tirou o pênis para fora e disse: “eu vou comer o seu cu!”. Eu saí correndo, assustada e sem saber o que fazer. Fui até o banheiro e me tranquei lá, chorando muito. Eu tomei um pânico e um pavor naquela referência que me traumatizou por muito tempo. Tanto que só vim a ter um contato sexual com outra pessoa quando já estava com 18 anos, quando ia começar um curso de italiano, na rua do Catete, em uma escola estadual que aceitava pessoas da comunidade. Fiz minha inscrição e comecei o curso de italiano. Estava muito feliz porque eu sou descendente de italianos e tinha a chance de ter cidadania italiana. E já pensou eu poder ir morar na Itália? Seria um luxo! Mas, como se diz, alegria de pobre dura pouco. Logo na segunda semana, quando cheguei na escola, uma funcionária que estava na porta disse que eu deveria esperar ali na entrada que a diretora queria falar comigo. Fiquei ali por meia hora e só depois a funcionária me levou até a diretora, que estava no computador e nem me olhou na cara, dizendo: “Então você resolveu se sentir gente? Com a vida que você leva, você acha que pode frequentar lugares de gente de bem? Mas você é muito atrevido mesmo, você quer desmoralizar a minha escola? Você quer sujar o nome da escola? Saia imediatamente daqui ou terei que chamar a polícia!”

Lara nos relata que ficou imobilizada, com dificuldades até mesmo para caminhar. Saiu e foi para a casa de uma amiga (também travesti) e lá teve uma crise de choro intensa, pensando obstinadamente em se suicidar. Caiu em uma tristeza profunda que a levou a uma crise de depressão. Foi hospitalizada e lá ficou durante alguns meses. Texto retirado de Peres (2009).

Escolhemos relatos de pessoas pertencentes a dois grupos bastante marginalizados e com pouco representação: as pessoas intersexuais e as travestis.

No caso das pessoas intersexuais, há um grande desconhecimento da intersexualidade pela população em geral. Assim, a partir do texto conseguimos mostrar para os participantes o quanto o sistema sexo/gênero pode ser opressivo e violento para essas pessoas. Ao mesmo tempo em que nos dá oportunidade para refletir sobre esse sistema de forma geral. Uma reflexão que sempre levanto nessa parte das oficinas é a respeito da certeza frágil que muitos de nós temos a respeito de nossa adequação dentro da categoria binária de sexo (masculino ou feminino). Quantos de nós já fizemos um teste cromossômico para saber se não há uma pretensa inadequação entre cromossomos, genitália e caracteres secundários? Temos certeza de como exatamente foram nossos primeiros dias de vida na maternidade? Pois muitas pessoas intersexuais sofrem cirurgias de “adequação” sexual recém-nascidas, antes mesmo de deixar a maternidade.

A história de Maria Patiño também dá oportunidade para discutirmos a extensão do poder exercido pelo discurso médico na atualidade e o quão opressivo

ele pode ser. Não apenas no caso de pessoas intersexuais, em que um exame de cromossomos pode ter efeitos trágicos na vida de uma pessoa, mas também no caso de pessoas transexuais, muitas vezes reféns de laudos médicos (o que inclui, até mesmo, diagnóstico de transtorno psíquico) para ter acesso a tecnologias de transformação corporal.

Já a segunda história, de Lara, dá a oportunidade de trabalhar mais a respeito desse outro grupo, as travestis, um dos grupos mais marginalizados e que sofre preconceito mesmo de pessoas homossexuais. Pode-se discutir a partir dele também as violências cometidas na escola e como a vulnerabilidade social vivida pelas travestis e outras pessoas LGBTIQ+ é construído em um longo caminho de violências e negação de seus direitos, começando pela família, passando pela escola e pelas possibilidades de trabalho.

É muito comum nessa parte da oficina as pessoas lembrarem de outras histórias ou mesmo de contarem sua própria história, quando são pessoas LGBTIQ+ ou pessoas que convivem com essa população. Como no decorrer da oficina é construído também um clima de respeito, aceitação e abertura ao outro, não é raro que esses relatos sejam bastante íntimos e emocionados.

O encerramento das oficinas é em geral um momento bastante amistoso, em que os participantes relatam o quanto aprenderam e o quanto ainda gostariam de aprender. Em geral, trocamos contatos com alguns participantes, que por vezes desejam levar a oficina para algum outro grupo do qual fazem parte e que relatam considerar importante compartilhar esses conhecimentos com outros. A todos convidamos sempre para fazerem parte das demais atividades desenvolvidas pelo (In)Serto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com oficinas sobre gênero e sexualidade é um trabalho bastante desafiador, pelo enorme preconceito ainda presente na universidade e fora dela, mas também bastante gratificante, pela relevância social do trabalho e pela aceitação recebida, apesar das resistências.

O norte de Minas Gerais, onde se situa a Universidade Estadual de Montes Claros, é uma região bastante pobre e com poucos recursos no amparo à

vulnerabilidade social, em especial de pessoas LGBTIQ+. Isso fica evidente quando se procura assistência relativa a Direitos Humanos das pessoas LGBTIQ+. Na própria universidade e nos órgãos públicos há um grande desconhecimento de questões relativas a gênero e sexualidade. Não há centros públicos ou ONGs que façam trabalho específico voltado a essa população. Assim, ressaltamos a relevância e a urgência de trabalhos como esse na região

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos pagu** (17/18), p. 9-79, 2001/02.

LOURO, G. L. Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade. In: UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. (orgs.) **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempo de AIDS**. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004.

PERES, W. S. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.) **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.